

Autor de A negação do Brasil fala sobre 1ª protagonista negra em novela do país
19/5/2010

Joel Zito Araújo é doutor em Comunicação pela ECA/USP, cineasta e roteirista. Realizou, a partir de 1984, 24 documentários e 22 médias metragens. Em 2000, dirigiu o documentário e lançou o livro A negação do Brasil, sobre a participação de atores negros na televisão. A atriz Thaís Araújo é uma das protagonistas do seu filme Filhas do Vento.

Não deixe de ler esta entrevista exclusiva ao BoletimNPC sobre a primeira vez em que uma telenovela brasileira tem uma negra como protagonista. Revela muito sobre a nossa história, a nossa cultura e a nossa gente.

Por Jéssica Santos
Boletim NPC

Boletim NPC - Como o senhor avalia a participação da primeira protagonista negra em uma novela das oito?

Joel Zito: Eu não vi o final da novela. Fiquei muito decepcionado. Achei que teve uma certa dificuldade, já que a protagonista deixou de ser a protagonista. Então do meio da novela para frente deixei de me interessar como espectador, e como pesquisador eu falhei no sentido de não me forçar a ver. Desde o início eu achei uma espécie de armadilha porque essa dificuldade dos autores de telenovela no Brasil de entender a história do negro, de entender a condição de ser negro no país, acaba provocando essa dificuldade de rerepresentação. No início da novela eu achei interessante ter a Tais Araujo em um papel de uma mulher que era uma modelo internacional reconhecida. Porque ser modelo significa ser o melhor, o mais belo. Digamos, representa algo de especial na sociedade. Modelo significa modelo de beleza. E a Tais nesse lugar da novela eu achava que era simbolicamente muito especial para sociedade brasileira, para a juventude negra e branca ver uma mulher negra nesse posto, sendo disputada na trama da novela, sendo invejada por outras pelo seu lugar de modelo. Então eu achei uma ideia inteligente, essa Helena negra entrar no lugar de modelo.

Boletim NPC - O que o senhor chama de armadilha?

Joel Zito: Então, o que eu estou chamando de armadilha é porque no início o padrão de vida daquele grupo de elite do qual a protagonista fazia parte era tão ostensivo que eu acho que criou antipatia com a personagem. Era uma personagem que casa e vai de avião particular para Paris. Um padrão de vida altíssimo. A minha impressão é que o povo brasileiro não está agüentando mais esse exibicionismo. E é obvio que é uma característica de toda heroína de telenovela é o sofrimento, é a dor. Tanto que a verdadeira protagonista foi a personagem da Aline de Moraes exatamente por conta do acidente, por ela ter se tornado paraplégica. Isso comoveu o público. O esforço dela de transformação, de superar a doença, com aquela trama lá. No meu ponto de vista muito bobinha, da mãe que não queria o casamento do filho... isso comoveu o público.

Boletim NPC - Teve um momento da novela que chocou e causou repúdio da população negra.

Joel Zito: Foi o momento que ela leva o tapa de joelhos. Há cerca de 15 anos, entidades negras de São Paulo ingressaram com uma ação na Justiça contra a Rede Globo por ter colocado um personagem que foi praticamente espancado pelo vilão da novela, que era interpretado pelo Tarcísio Meira, e que não reagiu. Aquilo passou em branco por parte do público, mas as entidades negras reagiram. Agora, passados quinze anos o público reagiu, e isso é algo muito interessante em termos de consciência social do Brasil, porque a reação do público foi tão evidente que a partir daí se viu uma série de justificativas que foram dadas pelo autor da novela, pelos diretores, pelos atores, que não tinham nada a ver, enfim. A reação dessa parcela de público chegou lá.

Boletim NPC - A chance de ter uma protagonista negra foi aproveitada para combater o racismo?

Joel Zito: A chance foi estragada pela trama da novela e por essa falta de sensibilidade e falta de educação daqueles que produzem a telenovela para a questão racial. A elite brasileira quer ignorar a questão racial, uma vez que não quer lidar com as conseqüências da escravidão e com a falta de políticas sociais para a população negra pós-escravidão. A elite quer fazer de conta que nós somos um país sem o problema do racismo. Aqueles

que trabalham na elite econômica e cultural, que estão no topo das telenovelas, têm uma certa afinidade com esse pensamento.

Ouvir isso que estou te falando agora é uma coisa antipática. Então, a postura é assim: não me venha incomodar com a questão racial, nós não queremos ouvir. Nós não pensamos isso, você é que pensa. Você que é o complicado, você que é o racista. Para estes, racista é quem denuncia os incômodos do racismo e não quem pratica o racismo no dia-a-dia.

Então temos uma série de articulistas que escrevem nos jornais, que a mensagem é clara: os racistas são esses que ficam denunciando o racismo, porque, para ele, não ser racista significa não pensar no racismo. Quem pensa no racismo é que é o racista. Não é quem provoca na estrutura social a permanência do negro como subalterno que é racista.

BoletimNPC – O senhor poderia nos dar um exemplo

Joel Zito: Por este pensamento, os racistas não são os envolvidos no assassinato do jovem negro dentista em São Paulo. Racistas somos nós que estamos levantando as evidências do racismo e as evidências do sofrimento de uma parcela do povo negro que é vítima. Embora a intenção inicial do autor fosse ter pela primeira vez a Helena negra, isso não deu certo porque a Helena no início foi antipática porque era elitista, era esnobe e depois foi antipática porque era submissa. Então o sofrimento da Helena, no meu ponto de vista, na minha sensibilidade, foi rejeitado porque era um sofrimento de submissão. É diferente do sofrimento do personagem da Aline Moraes, que era um sofrimento de reerguimento, de superação. Enquanto Aline sofria para superar, a Helena sofria de submissão. Então ser boazinha neste caso pegou mal. Do mesmo jeito que pegou mal ser muito de elite. Muito acima do bem e do mal. Foi dessa forma que eu analisei a novela até onde eu vi.

Boletim NPC - Em A Negação do Brasil uma das atrizes fala que não importa se o papel é de empregada doméstica, se ele tiver consistência. Faltou isso?

Joel Zito: Acho que faltou. Acho que de modo geral sempre falta. Então as pessoas acertam mais nos personagens cômicos. Então falta isso, falta essa percepção da personagem.

Boletim NPC - Na novela tinha outros personagens negros

Joel Zito: Pois é, aqui eu aproveito para te perguntar que fim levou a irmã da Helena, Sandrinha, e seu casamento com Benê, o jovem marginal da favela?

Boletim NPC - A Sandrinha apontou que iria abandonar o marido, mas Benê optou por se regenerar. Ele decidiu sair do tráfico e conseguiu o emprego, mas não quis sair da favela. Então, quando ele voltou, já com emprego, foi assassinado dentro favela. No final, tem toda uma idéia de regeneração de vários personagens da novela, mas o personagem negro morre.

Joel Zito: É o único que não tem direito a se regenerar. Por isso eu acho que falta sensibilidade. Imagina a quantidade de pessoas que vivem esse drama real. Que tipo de mensagem que você está dando para o jovem negro que com certeza vê o personagem porque a telenovela e a televisão é praticamente o único instrumento de lazer. A novela e o futebol. Então que mensagem de desesperança, que tapa na cara esse jovem recebe. Enquanto as pessoas que são portadoras de deficiência física recebem uma mensagem de olha, você pode mudar de vida, você pode casar, ter filhos. Então, o jovem que passou pela ação do narcotráfico, eu diria que simbolicamente é uma cumplicidade com a exterminação desse jovem. É triste. Eu acho que essas coisas são feitas pela falta de reflexão, pela arrogância dessas pessoas que não querem refletir a questão racial e portanto a condição do negro no Brasil. Essa arrogância faz com que os dramaturgos, o autor da telenovela e sua equipe errem na mão. Não param para pensar nisso. Porque não oferecer essa mensagem aos jovens, que estão com dúvida, com vontade de sair do narcotráfico. De oferecer essa mensagem que ele pode sair, que pode ter uma vida fora do mundo do crime. Porque não dar essa gota de esperança?

Boletim NPC - Na internet, em alguns fóruns sobre o desfecho do personagem, dá para encontrar muita gente comentando que o que aconteceu com o Benê retrata a realidade do que acontece com o jovem que entra no mundo do crime.

Joel Zito: A novela não retrata a realidade. A novela se espelha na realidade, dialoga com a realidade, mas a característica folhetinesca da novela é exatamente de se descolar da realidade. As novelas nunca foram realistas. As casas, os ambientes não são realistas, os personagens e seus dramas não são realistas. E esta é uma característica do folhetim. Aqui não se trata mais de uma crítica a telenovela. O folhetim sempre foi assim, desde o seu nascimento, ele não precisa mudar, é o seu formato.

Boletim NPC - O senhor fez um paralelo entre a reação do público na cena em que a Helena é agredida e uma outra, de uma telenovela, de anos atrás, em que um personagem negro também sofre um tipo de agressão, mas não houve reação do público. Na sua avaliação houve uma mudança na conscientização racial do público ao longo do tempo?

Joel Zito: Isso é muito evidente. Eu sou de uma geração em que se discutia na universidade a questão racial entre nós mesmos, 10 a 12 estudantes afro-descendentes. A questão racial hoje é uma questão nacional. Quer queiram, quer não queiram. A boa parcela da juventude negra hoje tem um bom nível de consciência. Obvio que tem uma faixa grande da população que vive nesse quadro simbólico da subalternidade e do colonialismo. Nós vivemos numa situação pós-colonial em que as nossas elites ainda são colonialistas.

Lembro de uma entrevista que li do Roberto DaMatta que diz que as nossas elites não gostam do Brasil, não gostam de viver aqui. Há uma persistência do pensamento colonial, do pensamento Casa Grande e Senzala. Isso aqui ainda é uma grande fazenda para muita gente. Mas tem uma parcela muito grande da população que não vê mais assim, que tem orgulho desse país, do lugar internacional que nós temos e eu particularmente sou desse grupo, desse otimismo. E acho que, portanto, dentro da juventude negra e dentro da população negra tem uma faixa muito grande de gente com consciência disso.

Agora, você tem um segmento que ainda está debaixo da bota da subalternidade. Uma faixa grande de pessoas negras com auto-estima negativa, que não gostam de ser negras. Que qualquer traço de miscigenação já faz dessa pessoa mais branca do que negra, tratam os irmãos negros como escória, ou seja, que tem internalizado o racismo da sociedade.

Tem essa prática dentro da polícia que trata as pessoas com características afro-descendentes de forma agressiva, violenta. Tem essa característica no universo escolar dos professores que tratam crianças mais brancas de um jeito diferente. Então tem essa internalização do sentimento colonial em uma parcela grande da população.

Mas comparando 2010 com a minha adolescência nos anos 70, nós estamos vivendo em outro país. Fico feliz quando hoje vou a um congresso e encontro muitos pesquisadores jovens negros. Do ponto de vista racial vamos ficar cada vez melhores, quer queiram, quer não queiram as nossas elites. E não é à toa que as elites não querem porque a grande característica do Brasil e a sua grande contradição é de ser um país rico, somos a 8ª economia no mundo acho, e somos ao mesmo tempo um país pobre porque temos a maioria da população que não tem acesso às riquezas do país.

Então somos um país estruturalmente muito mal dividido e faz parte de manter esse país mal dividido a internalização da subalternidade dos segmentos negros e indígenas. Então a questão racial no Brasil não é uma questão à parte, só uma questão cultural. É uma questão que está no cerne do grande problema do Brasil que é a enorme distância entre ricos e pobres. É isso que faz com que uma parcela de elite, de classe média veja de forma tão ruim esse povinho. “Ah esse país é maravilhoso, pena que tem esse povinho que colocaram aqui.” E quando falam “esse povinho” estão se referindo a nós.

Boletim NPC - E como os grandes meios de comunicação entram nessa história?

Joel Zito: São os grandes meios de comunicação que tem mais cumplicidade com as elites, que são donos deles. Na grande mídia, parece que seus objetos são as novelas, os telejornais, os jogos de futebol. Mas não é verdade. O grande objeto é o anúncio, é a publicidade. Então a cumplicidade maior não é com o espectador, é com o anunciante. E a lógica do anúncio é a de participar da sociedade de consumo. Especialmente essa nossa mídia sempre esteve voltada para os segmentos de classe média alta e para a própria elite. É o carro que o povo não compra, o setor imobiliário, turismo e outros segmentos que o povo não compra. Então aquela publicidade dirigida às classes C, D e E é relativamente insignificante a publicidade dirigida às classes médias e altas. A cumplicidade da mídia é com seu patrocinador. E esse patrocinador felizmente está mudando. A gente tem alguns segmentos empresariais que já demonstram ter responsabilidade social.

Boletim NPC - Assim como nas telenovelas, pouco se vê negros na publicidade. De um tempo pra cá, nota-se mais atores negros em comerciais. Você avalia que há uma preocupação em mostrar essa parcela da população ou há somente o interesse mercadológico de atingir determinado público mais diretamente?

Joel Zito: Eu acho bom que alguns tenham consciência disso. Não vejo isso com negatividade, a preocupação mercadológica. Eu acho que tem dois segmentos distintos: tem o da preocupação mercadológica, como por exemplo, as companhias de telefonia celular, que há muito tempo fazem publicidade para o público negro e não é toa que todo mundo usa celular. Mas também tem as empresas estatais, com, por exemplo, a Petrobras e do Banco do Brasil, que tem uma incorporação de negros e famílias negras em um ambiente muito positivo. Ali eu percebo um compromisso dessas instituições.

Boletim NPC - Que pode ser feito, para que haja uma mudança real na percepção de como os negros são vistos?

Joel Zito: Eu acho que são muitas frentes de batalha. Acho que a formação é uma delas. As escolas, inclusive as de jornalismo, comunicação e cinema tem que incorporar esse tipo de discussão. Não se pode deixar uma USP formar novos jornalistas, formar novos diretores sem trazer para eles uma realidade que eles não têm no seu dia-a-dia. Aqueles meninos que de classe média alta que vive na Zona Sul de São Paulo precisam discutir a questão racial.

O outro elemento é que a realidade mudou muito por conta dos protagonistas negros, das ONGs negras, do movimento negro, da intelectualidade negra, dos artistas negros. Então esse protagonismo é fundamental para a mudança. Eu acho que parte da ação desses protagonistas negros tem que se dirigir para aqueles segmentos de classe média que não é só negra é branca, mas que tem uma profunda identidade e conhece a necessidade de mudança e que busca se reeducar para romper com esse colonialismo na nossa formação como cidadãos do Brasil. Então nós temos um campo de articulação e de parceria muito grande que não pode ser ignorada e tratado de forma desrespeitosa como eu vejo por alguns segmentos militantes.

Outro segmento que considero importante é à entrada de jovens negros na universidade. De aumentar essas vagas e criar possibilidades de crescer esse numero de alunos negros na universidade. Isso vai oxigenar a universidade, trazendo uma realidade fora da realidade zona sul, de classe média branca e fazer essas pessoas voltarem a pelo menos ter um ponto rico de debate sobre a realidade brasileira. E fazer dessa juventude branca que está entrando na universidade, fazê-la mais comprometida e tendo um parceiro do seu lado que faça ele refletir. Acho que as cotas e essa possibilidade de entrada de estudantes negros na universidade vai ajudar a gente a construir um Brasil diferente.

Boletim NPC - Para além das cotas, o que mais pode ser feito enquanto política pública?

Joel Zito: Esses pontos estão diretamente ligados a isso. Tem outros pontos indiretamente relacionados. Obvio que a medida que você melhora as condições de vida e de saúde, quando se tem política de emprego e uma parcela cada vez maior de famílias negras com estabilidade e com salários dignos, paralelo a isso políticas sociais como o bolsa-família, a entrada e persistência desses jovens no ensino básico e fundamental e obvio que essas políticas sociais atingem aquele segmento mais negro e mais indígena, que historicamente foram segregados, que estão na ponta da sociedade, mas distantes de com mais dificuldade de acesso.

Tem uma opção de políticas indiretas que você vai melhorar a qualidade de vida do povo negro e a medida que isso acontece, vão surgir naquele grupo pessoas que vão se destacar e assumir lugares chaves na sociedade. Portanto, não quero reduzir a solução só as cotas, ou só a formação de estudante nas escolas de comunicação, enfim, eu acho que há um conjunto de coisas que são agregadoras dessas mudanças. E outra coisa são trabalhos como o que eu faço de multiplicar as pessoas que refletem isso, uma forma de enriquecer o debate.

Um exemplo: eu fiquei muito feliz quando eu filmei no mês de março aquelas audiências no Supremo Tribunal Federal que julgou cotas nas universidades. Eu fiquei orgulhoso porque quando eu pude comparar aquele eram contra políticas afirmativas com aqueles que eram a favor, era de uma pobreza a argumentação dos que eram contra e de uma riqueza a argumentação dos que eram a favor, isso me deu orgulho e otimismo da mudança porque os que eram contra tivessem argumentos muito sólidos e uma reflexão profunda, me daria temor e até dúvida sobre aquilo que abracei. Mas foi muito pelo contrário, pois me deram cada vez mais certeza das causas que eu abraço em torno das questões raciais. Então nós temos também um crescimento intelectual de pessoas pensando e refletindo em cada área podendo debater com qualidade, educação e respeitabilidade.

Fonte: Boletim NPC